



Destaque Rural Nº 331

10 de Junho de 2025

QUEM SAIU ÀS RUAS? UMA ANÁLISE DOS ACTORES EM PROTESTO DURANTE AS MANIFESTAÇÕES PÓS-ELEITORAIS

João Feijó e Rita Chiúre

RESUMO

Apesar de os jovens urbanos terem constituído uma das faces mais mediáticas dos protestos pós-eleitorais, ao longo deste texto demonstra-se que as manifestações envolveram grupos sociais bem mais alargados e heterogéneos, em termos geográficos, de género, etários, mas também em termos de situação económica e possibilidades de consumo. Os diversos grupos sociais aproveitaram o cenário pós-eleitoral para apresentar as respectivas preocupações sociais, convergindo as diversas frustrações contra o partido no poder. Não obstante as elevadas desigualdades e contradições que estruturam a sociedade moçambicana, durante os protestos verificou-se uma convergência entre as diversas classes sociais, em torno de um projecto vago de mudança. À medida que o poder foi caindo na rua e aumentando a insegurança das classes médias, acções de solidariedade foram dando lugar a atitudes de maior desconfiança em relação aos mais desfavorecidos.

INTRODUÇÃO

Na sequência das eleições presidenciais de 2024, o país viveu as mais intensas manifestações dos últimos 30 anos. Os manifestantes têm sido descritos como jovens, maioritariamente do sexo masculino, residentes nos grandes centros urbanos e sobrevivendo no sector informal da economia, vulgo *lúmpen* urbano. Da parte do governo de Moçambique, o grupo foi designado de “vândalos” ou “marginais”. Num discurso proferido para as câmaras, o então Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique, Bernardino Rafael, descreveu as manifestações como actividades “subversivas”, conducentes ao “terrorismo urbano”. Igualmente, o presidente recém-empossado, Daniel Chapo, num discurso feito na cidade de Pemba, comparou os manifestantes aos terroristas de Cabo Delgado, designando-os como *“inimigos do povo”* (Lusa, 26.02.2025).

A partir das notícias na imprensa e de vídeos que circularam na internet, ao longo deste texto pretende-se realizar uma caracterização social dos grupos em protesto. Os dados foram recolhidos a partir de observação directa na Matola e na cidade de Maputo, a partir

de peças televisivas divulgadas online (TVM, Miramar e TV Sucesso) e de vídeos publicados nas redes sociais, com destaque para as páginas do *Facebook* do CDD e de Adriano Nuvunga; no X (ex-*Twitter*) e em canais acedidos por *WhatsApp* (nomeadamente os canais VM7 *Channel*, *MozTimes*, *The Mozambique News*, *Islam* e *Conscientização*, e Moçambique é você *News*), assim como outros vídeos divulgados por internautas¹.

Ao longo deste texto demonstra-se que as manifestações não foram meramente protagonizadas por grupos de jovens urbanos, tendo envolvido grupos sociais bem mais alargados e heterogéneos, não só em termos geográficos, de género e etários, mas também em termos de situação económica e possibilidades de consumo. As manifestações contaram com a participação de homens e mulheres, jovens e idosos, trabalhadores do sector formal e informal, residentes em zonas urbanas, mas também oriundos de zonas rurais, vivendo de forma precária ou de forma mais abastada. Os diversos grupos sociais aproveitaram o cenário pós-eleitoral para apresentar os respectivos problemas sociais, convergindo as diversas frustrações contra o partido no poder.

JOVENS URBANOS EMPREGUES NO SECTOR INFORMAL

As actividades do sector informal constituem a principal fonte de emprego da população das grandes cidades, incluindo de Maputo, onde abrange 63,7% da população, maioritariamente no "comércio" (20,5%), "outros serviços" (50,1%) e "agricultura e pecuária" (10,2%) (INE, 2022: 25). Trata-se de uma população composta por vendedores ambulantes e em pequenas barracas nos mercados formais e informais, agentes M-Pesa, *modjeros*², ou moto taxistas (particularmente no Norte e Centro do país). Grande parte desta população é jovem, nascida nas cidades ou oriunda de contextos rurais, incapaz de ser absorvida pelo sector formal da economia, e que sobrevive do desenrasca diário.

Impossibilitada de exercer a sua cidadania adulta (em termos de acesso a um emprego e rendimento, possibilidade de consumo e de reprodução social), a população desta faixa etária tende a ser designada de *whaithood* (Honwana, 2012). Os vídeos e imagens que circularam pelas redes sociais permitem concluir que jovens pouco escolarizados, desempregados ou empregues no sector informal (juventude *lúmpen*, como tem sido frequentemente definida) constituíram o grupo social mais visível durante as manifestações, quer em termos de massa populacional, quer em termos de impacto social. Este grupo esteve particularmente activo no [bloqueio de estradas](#) com recursos a diversos objectos,

¹ O presente texto apresenta em CyberLinks (sublinhados e de cor azul) alguns vídeos que descrevem os cenários de protesto em análise.

² Jovens que facilitam a identificação de transporte semi-colectivo para passageiros, em troca de pequenos valores económicos facultados pelos motoristas das viaturas. Por vezes ajudam na carga e descarga de mercadoria, ou atraem clientes para lojas comerciais em troca do pagamento de comissões.

[impedindo a circulação de viaturas](#), mas também em [confrontos com a polícia](#) ou nos [saques a estabelecimentos comerciais](#), [envolvendo crianças](#).

A POPULAÇÃO ESTUDANTIL

Um outro grupo social que se distinguiu durante as manifestações foram os estudantes. Oriundos de diferentes regiões do país, os alunos da residência universitária em Maputo destacaram-se no seu apoio ao candidato da oposição, não obstante tentativas de controlo da parte da Reitoria. Mais tarde, este grupo foi pioneiro na [manifestação dos painelaços](#), batendo com tachos e painéis a partir das janelas da residência universitária, prática que se veio a alastrar para o [resto da cidade](#) e mesmo [do país](#). Já em finais de Novembro, estudantes finalistas da [Universidade Eduardo Mondlane](#) (UEM), [Universidade Pedagógica](#) (UP), assim como do [Instituto de Formação de Professores](#) (IFP) manifestaram-se durante as respectivas cerimónias de graduação, em apoio ao candidato da oposição.

Os alunos do ensino médio e secundário estiveram também activos, particularmente em algumas escolas do Sul do país, juntando-se aos respectivos professores no processo de [sabotagem de exames finais](#). Em várias províncias – como Maputo, Gaza, [Inhambane](#) ou [Nampula](#), entre outras – centenas de crianças devidamente uniformizadas [marcharam pelas ruas](#) manifestando o seu apoio ao candidato da oposição. Durante as manifestações ou durante o período de férias, (pré-) adolescentes ociosos estiveram activos na construção de túmulos do partido Frelimo, no bloqueio de estradas ou, mais tarde, participando nas pilhagens.

ENVOLVIMENTO DE MULHERES

Não obstante o discurso dominante, segundo o qual os protestos foram sobretudo conduzidos por indivíduos do sexo masculino, a realidade é que imensas mulheres participaram activamente nas manifestações, quer através de marchas, bloqueio de estradas, vídeos e áudios de protesto.

Os vídeos que circularam pela internet revelam a realização de várias marchas envolvendo mulheres que participaram inclusive no [bloqueio de estradas](#) em vários pontos do país. Em Maputo, um grupo designado de "*mamas de Luís Cabral*" [marchou em repúdio](#) contra as mortes sucessivas dos seus filhos e esposos durante os protestos, quer como manifestantes (baleados pelas forças de defesa e segurança), quer enquanto elementos da polícia (com baixos salários, [sem preparação para enfrentar](#) o [gás lacrimogéneo](#) e [alvos da ira popular](#)). Depois do cenário de [atropelamento de uma jovem](#) na cidade de Maputo, mulheres reuniram-se na avenida Eduardo Mondlane para contestar o acontecido (Lusa, 30.11.2024).

Vários áudios circularam nas redes sociais realizados por mulheres, ao longo dos quais planearam marchar nuas, como forma de protesto. Outras mulheres apresentaram-se em público de forma mais desleixada e [exposta](#). Em Nacala Porto, mulheres muçulmanas marcharam pelas artérias da cidade cantando "[N'nopele, n'nopele manso kaninohia Venâncio](#)" [Podem-nos matar, mas não deixaremos Venâncio]. [Diversos](#)³ [vídeos](#)⁴ com discursos de mulheres idosas tornaram-se virais nas redes sociais, onde expressavam claramente o descontentamento em relação à situação económica do país, encorajando o candidato da oposição a prosseguir na sua luta política. Em ambiente festivo, muitas mulheres estiveram particularmente activas no bloqueio de estradas, transformando as artérias em [cozinhas](#), estendais de roupa, locais de [costura](#), [ringues de boxe](#) ou [locais de recreio](#).

³ Gravado em xitswa, a idosa referia: "um pastor disse que quanto a ti... Deus me disse que não foi você quem foi votado. O pastor foi detido ontem, e não sei se foi morto ou ainda está preso, não sabemos... querem governar e não podemos criticar, devemos nos calar... nos governam ou querem acabar connosco?... sinceramente se eu fosse um rapaz ou menina, eu iria para aí... para tentarmos juntos... porque o que vejo não me abençoa... até o colonizador, aquele a quem expulsámos não fazia tal coisa, porque nos conhecia... vivíamos bem com o colonizador. Se você fosse detido seria por causar problemas ... se você não falhasse, seria um justo diante do colono... até nossas coisas não levavam... mas esses negam de sair porque nós somos dinheiro deles... nos levam e nos encarceram para nos vender, ganham através de nós... disparam contra nós... mas será que ainda irão achar outros para encarcerar e depois vender? Para terem dinheiro... Mondlane, continue lutando. Eu aqui não tenho forças... estou abalada... (...) Não sei quem vai me sustentar porque os filhos que deveriam estar a fazê-lo são os mesmos que estão a morrer com os tiroteios. Assim para onde vou? Nos calavam ao nos dar esses tais 1000MT... que nos davam a cada 3 meses... o que você compra com 1000MT se você for muito pobre? Equilibrávamos as despesas com enxada... mas até essas machambas nos arrancam... e vendem. Mas é isso mesmo?(...) Mondlane... vá em frente, povo, peço que ouça o seu choro... e aceite morrer contigo... não recuem. Irmãos, não recuemos... ainda que nos matem com balas, continuemos em frente a lutar. Se calarmos, ninguém vai sobrar. Não temos armas... eles confiam nas armas... porque não confiam em seus braços para que lutemos de igual forma? Nós não temos armas, lutamos através de mãos e boca. Mas o que vi ontem, Mondlane... acaba comigo... peço que o Senhor tire de mim o fôlego para que eu vá descansar. Isso já não é vida... se fosse possível rejuvenescer eu o faria para te fortalecer e lutarmos juntos... mas sou idosa, já não tenho forças..."

⁴ Gravado em xichangana, a senhora idosa profere um discurso crítico à governação e de apoio a Venâncio Mondlane, apelando a que este "seja firme acreditando no libertador... como Jesus que foi crucificado na cruz... até foi submetido à coroa de espinhos. Foi pregado nos pés e nas mãos. Estamos nós, estamos contigo. Frelimo que rouba ... não queremos a Frelimo ladrão. Ainda que levem exércitos estrangeiros para aqui em Moçambique. Não vão fazer nada. Segure muito firme. Estamos contigo. Somos idosos. Não recebemos, não temos nada. Estamos a queimar debaixo do sol nos mercados e ainda nos cobram taxas mensais. Estamos a pedir sinceramente Sr Venâncio. Não recues. Nós não recuamos. Toda terra te ouve. Até aqueles que morreram, te escutam Sr Venâncio. Acordam e nos mostram em sonhos, que você deve ficar connosco. Nos libertar de tudo... nos libertar de verdade. Seja firme e confie no Senhor. Não te deixes abalar pelo Nyusi... não sejas abalado. Esta terra tem dono. Nós, o povo, é que mandamos. Sou de Chibuto e vendo pão, queimando debaixo do Sol. Quero ser ajudada Sr Venâncio. Ajude seu país, você é de Deus. Até te cercam, o que fizeste de errado? Não tens arma, não tens nada ... és apenas um indivíduo". Uma outra idosa afirma: "a arma dele é o povo". A primeira idosa reforça "a arma somos nós, o povo. Não queremos Nyusi, é excremento, ele é ladrão ... Chissano, filho da puta, não lhe queremos. Que saiam ... Continue Venâncio [risos] Deus está contigo Venâncio... Venâncio. Aleluia"

À medida que foi aumentando a violência policial, assim como o número de mortos, feridos e detidos, foi-se reduzindo a participação das mulheres nas ruas, que [justificavam a reacção violenta dos manifestantes, denunciando a brutalidade da polícia](#). Muitas mulheres passaram a assumir novas funções, relacionadas com a confecção e disponibilização de água e produtos alimentares. Contudo, durante a fase Turbo V8, imensas [mulheres participaram em saques](#), carregando o espólio roubado na cabeça, particularmente produtos alimentares.

OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Em eleições anteriores, os funcionários públicos constituíram um sector social particularmente activo no apoio ao partido Frelimo, num cenário de forte partidarização das instituições do Estado. Contudo, na sequência das dívidas ocultas e diminuição do salário real⁵ dos funcionários públicos, bem como da introdução da Tabela Salarial Única (TSU), aumentou a insatisfação dos funcionários públicos, desencadeando diversas ameaças de paralisação laboral. Tirando partido do clima de contestação, este sector social mostrou-se particularmente activo, paralisando as suas actividades ou mesmo manifestando-se nas ruas, sobretudo os funcionários dos sectores da [saúde](#), da [educação](#) ou da justiça. Funcionários de empresas públicas (como a [TmCel](#)) estiveram também em protesto.

Não obstante os elementos da Unidade de Intervenção Rápida terem demonstrado uma atitude mais leal ao governo e particularmente agressiva para com os manifestantes, entre outros sectores da polícia ou entre as forças armadas de defesa de Moçambique (FADM) registaram-se atitudes distintas.

Ainda durante o dia das eleições, circularam inúmeras fotos pelas redes sociais de elementos da [FADM](#), [PRM](#) e [SERNIC](#) que fotografaram o boletim de voto preenchido a favor da oposição, acompanhado do respectivo dístico. Ainda nas urnas, muitos indivíduos devidamente uniformizados [exibiram três dedos com a mão](#), fazendo referência à ordem de apresentação do candidato Venâncio Mondlane no boletim de voto.

Durante os protestos, agentes da PRM foram filmados a [cantar o hino nacional](#) com os manifestantes ou a [gritar com jovens em protesto](#) em frente a esquadras da polícia, a [participar nos painelaços](#), ou até a [colaborar na obstrução de estradas](#). Durante o mês de Dezembro, o sentimento de descontentamento no seio das corporações levou a que agentes da UIR lutassem entre si procurando [neutralizar agentes descontentes](#).

⁵ O ajuste salarial feito pelo governo tem estado abaixo da variação dos preços dos produtos básicos, o que prejudica a função pública que tem tido cada vez menos poder de compra. Nos últimos anos, a inflação de bens alimentares tem sido de 12% em média, e, em 2023, registou-se uma inflação média geral de 9%. (Aiuba, 2023).

Não obstante o célebre atropelamento de uma manifestante por um BTR da FADM em Maputo, o exército adoptou uma atitude bem mais tolerante no relacionamento com os manifestantes, deixando frequentemente que estes se transportassem nos [seus BTR](#) e conquistando a popularidade dos manifestantes. Militares da FADM [reprenderam agentes da polícia](#) que disparavam sobre cidadãos. Durante os protestos em Ressano Garcia, militares da FADM, que viajavam num veículo militar, [exibiam à população os três dedos](#) (em sinal de apoio a Venâncio Mondlane), perante o júbilo geral. O ambiente de descontentamento no seio das corporações, as dificuldades de gestão dos protestos e as fragilidades logísticas levaram a que, no auge dos protestos, militares e elemento da UIR participassem nas pilhagens de armazéns, [arrombando portões com os BTRs](#) e [abastecendo os seus próprios veículos](#) com mercadorias roubadas.

POPULAÇÃO RECLUSA

Os vídeos que circularam pelas redes sociais revelam que a população presidiária também participou nos protestos. Detidos na cadeia civil da Beira ou em esquadras policiais, [entoaram cânticos de protesto](#) ou participaram nos painelaços, fazendo ruído com os instrumentos disponíveis.

A “CIDADE DE CIMENTO” TAMBÉM SAIU À RUA

Próxima dos centros de decisão e beneficiária de privilégios socioeconómicos, a população residente nas zonas nobres da cidade de Maputo não tem uma tradição histórica de contestação do poder dominante. Não obstante a intensidade das manifestações, em termos de violência e destruição, mais evidente nos bairros suburbanos e periurbanos de Maputo e Matola, a realidade é que as classes médias das zonas nobres da capital estiveram activas durante os protestos.

[Vários residentes saíram às ruas](#) para cumprir as directrizes anunciadas sobre a paralisação das estradas e a entoação do hino nacional, enquanto, por outro lado, lojistas na baixa - maioritariamente muçulmanos - assim como jovens mais escolarizados e com profissões liberais, tentaram desfilar pelas principais artérias da cidade, invariavelmente [reprimidos pela polícia](#). Os manifestantes protestavam contra a falta de transparência eleitoral, problemas de governação, raptos e má qualidade dos serviços públicos (Lisboa, 02.11.2024). Durante o luto nacional, vários comerciantes [vestiram de preto os manequins](#) das suas lojas ou usaram-nos inclusive no bloqueio de estradas. [Funcionários da PGR cumpriram as directrizes](#) de vestir de preto em sinal de luto e entoação do hino nacional e cânticos em apoio ao Venâncio Mondlane. Em [autocarros dos ministérios](#), que transportavam os respectivos funcionários para casa, foram afixados cartazes de apoio a Venâncio Mondlane.

Durante a grande marcha sobre Maputo, agendada para dia 7 de Novembro, residentes dos bairros Malhangalene e Alto Maé solidarizaram-se com os manifestantes distribuindo água e alimentos, por vezes recolhidos pela polícia. Durante a noite, pelas janelas dos prédios de bairros nobres como a Polana e, sobretudo, no Bairro Central, Alto Maé e Malhangalene muitos moradores [bateram painéis](#) e piscaram as luzes das residências, em sinal de protesto. Ainda que as atitudes tenham sido geralmente pacíficas, circularam vídeos pelas redes sociais mostrando moradores do Bairro Central atirando pedras de gelo das suas janelas sobre a polícia.

OS ARTISTAS MÚSICAIS E PLÁSTICOS

Os artistas estiveram particularmente activos durante os protestos, denunciando a violência policial sobre os manifestantes. Ficaram célebres os [desenhos de Fredy Uamusse](#)⁶ de [entre outros](#) que foram documentando os episódios mais marcantes dos protestos, mas também o [movimento “LUTO por Moz”](#)⁷, liderado por Stewart Sukuma em Maputo. Vários músicos, entre os quais [Stewart Sukuma e Fermon Mondlane](#), [Refiller Boy](#), [Kiba the Seven](#), entre outros, lançaram novas canções de protesto contra a situação política vivida no país.

CAMPONESES E MINERADORES ARTESANAIS

Incentivados pela onda de protestos, camponeses residentes ao redor de locais de exploração mineira aproveitaram para manifestar as suas inquietações antigas. Dando continuidade a conflitos antigos com empresas do sector formal, milhares de garimpeiros realizaram assaltos a áreas de concessão mineira nos distritos de [Manica](#) (Jequete 19.02.2025), Alto Molocué (O País, 08.12.2024), Montepuez (Redacção, 20.11.2024), Mulevala (Redacção, 08.12.2024) e [Moma](#) (Redacção, 29.10.2024). Os mesmos incidentes continuaram no mês de Fevereiro, na região de Nampassa, distrito de Barué (província de Manica), onde populares invadiram uma mina de turmalinas, por alegado incumprimento de deveres de responsabilidade social da mineradora ([Redacção, 15.02.2025](#)). Em de [Moma](#) e [Palma](#), pescadores e camponeses manifestaram-se junto de empresas mineradoras, exigindo o cumprimento de acordos relacionados com o processo de reassentamento populacional. Em

⁶ No retrato, Fredy Uamusse ilustra o momento no qual uma jovem foi atropelada na avenida Eduardo Mondlane, durante uma marcha, enquanto as vias estavam bloqueadas por barricadas.

⁷ Criado em Dezembro, o movimento “LUTO por Moz”, acompanhado pelo slogan “Povo Consciente no Poder”, carrega dois significados para os artistas: a luta pelos direitos dos moçambicanos, relativamente ao acesso a bens e serviços e direito a usufruir de suas riquezas; e, por outro lado, o luto em homenagem aos manifestantes assassinados durante protestos. Este movimento é constituído por cerca de 50 artistas musicais que foram para a rua vestidos de preto, entoando cânticos de protesto que denunciavam a fraude eleitoral e o aumento de vítimas mortais durante as manifestações.

todos estes locais, os populares protestaram contra a ausência de benefícios locais decorrentes da exploração mineira e falta de oportunidades de emprego.

OUTROS SECTORES DA SOCIEDADE

Organizações da sociedade civil formais estiveram particularmente activas na denúncia de fraude eleitoral e violência policial (Macatane, 20.10.2024; Duarte, 22.11.2024). A plataforma DECIDE, Rede dos Jovens Defensores dos Direitos Humanos, o Observatório das Mulheres, profissionais da informação e activistas sociais denunciaram a violação de direitos fundamentais. As redes sociais estiveram muito activas no protesto. [Moçambicanos na diáspora](#), residentes em França, Portugal, Reino Unido, Suíça, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Itália, Canadá, Alemanha e Brasil, marcharam em contestação à falta de transparência eleitoral, mas também problemas no sector da justiça, educação, saúde e segurança (Henriques, 07.11.2024). No meio da contestação generalizada e perante a forma violenta como o governo geria as manifestações, diversos membros sénior do partido Frelimo, com destaque para Hélder Martins (Evidências, 26.11.2024), Óscar Monteiro (MzNews, 31.01.2025) e Teodoro Waty (DW, 06.12.2024) realizaram posicionamentos públicos contundentes em relação à governação. Por todo o país, inúmeros cidadãos queimaram camisetas do partido Frelimo e, no distrito de Búzi, membros do partido e autoridades locais [exibiram material da Frelimo](#), renunciando publicamente ao partido.

REFLEXÕES FINAIS

As manifestações pós-eleitorais de 2024 contaram com o envolvimento de sectores alargados da sociedade. Apesar de os jovens trabalhadores do sector informal terem constituído o rosto mais mediático do protesto, a verdade é que as manifestações envolveram grupos sociais bem mais abrangentes, incluindo jovens e adultos, homens e mulheres, com mais ou menos escolaridade, poder económico ou melanina. A forma como os protestos foram geridos pelo governo provocou um grande descontentamento entre sectores do próprio partido Frelimo. Minoritários e com pouco poder no partido, mas socialmente ruidosos, membros sénior do partido revelaram coragem para criticar abertamente a transformação da Frelimo numa força muito impopular entre os moçambicanos.

Diversos grupos participaram em manifestações, equacionando riscos e recorrendo aos recursos e capital disponíveis, traduzindo a diversidade do país. Não obstante as elevadas desigualdades e contradições que estruturam a sociedade moçambicana, durante o período pós-eleitoral gerou-se uma convergência entre as diversas classes sociais, em torno de um projecto vago de mudança. À medida que o poder foi caindo na rua e aumentando a

insegurança das classes médias, acções de solidariedade desencadeadas pelas classes mais abastadas foram dando lugar a atitudes de maior desconfiança em relação aos mais desfavorecidos. A unidade de grupos tão heterogêneos residia, sobretudo, numa atitude anti-Frelimo. No rescaldo do turbo V8 e na sequência da libertação dos reclusos da Machava, as classes médias interromperam os protestos e organizaram vigílias populares, coordenadas por secretários de bairro e líderes locais, precisamente aqueles que se haviam destacado como mobilizadores do partido Frelimo. Terminava assim a catarse.

BIBLIOGRAFIA

AIUBA, Rabia (2023), "Comparação dos preços de bens alimentares essenciais entre as cidades de Maputo, Beira e Nampula", *in: Observatório do Meio Rural*, disponível em: https://omrmz.org/destaque_rural/dr-236-comparacao-dos-precos-de-bens-alimentares-essenciais-entre-as-cidades-de-maputo-beira-e-nampula/.

DUARTE, Onélio (22.11.2024) "Wilker Dias apresenta queixa-crime contra o Comandante Geral da PRM e o Ministro do Interior à Procuradoria Geral da República", *In Integrity*, disponível em: <https://integritymagazine.co.mz/arquivos/34889> , acesso a 07.05.2025.

DW (06.12.2024) "Estará a FRELIMO a perder o controle da situação?", *in Moçambique para todos*, disponível em: https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2024/12/estar%C3%A1-a-frelimo-a-perder-o-controle-da-situa%C3%A7%C3%A3o.html, acesso a 22.05.2025.

EVIDÊNCIAS (26.11.2024) "Hélder Martins quebra silêncio e pede a Nyusi e seu grupo para devolverem a Frelimo ao povo", disponível em: <https://evidencias.co.mz/2024/11/26/helder-martins-quebra-silencio-e-pede-a-nyusi-e-seu-grupo-para-devolverem-a-frelimo-ao-povo/>, acesso a 22.05.2025.

HENRIQUES, Liliana (07.11.2024) "Diáspora moçambicana também se concentrou em Bruxelas para exigir justiça eleitoral" *in: RFI*, disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica-lus%C3%B3fona/20241107-di%C3%A1spora-mo%C3%A7ambicana-tamb%C3%A9m-se-concentrou-em-bruxelas-para-exigir-justi%C3%A7a-eleitoral>, acesso a: 11.05.2025.

HONWNANA, Alcinda (2012) "Desenrascar a Vida: Youth Employment and Transitions to Adulthood", *in: III Conferência internacional do IESE - "Moçambique: acumulação e transformação em contexto de crise internacional"* N 29, Setembro de 2012.

INE (2022) *Inquérito ao sector informal—2021, Moçambique – Relatório final*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

JEQUETE, Bernardo (19.02.2025) "Moçambique: População invade mina em protesto" *in: DW*, disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-popula%C3%A7%C3%A3o-invade-mina-em-protesto/a-71676275>, acesso a 12.05.2025.

LISBOA, Orfeu (02.11.2024) "Moçambique: polícia usa gás lacrimogéneo para dispersar manifestação da comunidade islâmica", *in RFI*, disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20241102-mo%C3%A7ambique-pol%C3%ADcia-usa-g%C3%A1s-lacrimog%C3%A9neo-para-dispersar-manifesta%C3%A7%C3%A3o-da-comunidade-isl%C3%A2mica> , acesso a 12.05.2024.

LUSA (30.11.2024) *Moçambique: Mulheres marcham em repúdio ao atropelamento de jovem durante manifestações*, disponível em: <https://observador.pt/2024/11/30/mocambique-mulheres-marcham-em-repudio-ao-atropelamento-de-jovem-durante-manifestacoes/>, acesso a 12.05.2025.

LUSA (26.02.2025) "Daniel Chapo compara manifestantes a terroristas", *in DW* , disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/daniel-chapo-compara-manifestantes-aos-rebeldes-que-t%C3%AAm-atacado-cabo-delgado/a-71762448>, acesso a 16.05.2025.

MACATANE, Laves (20.10.2024) "Eleições Gerais: Wilker Dias interrompe sessão da Comissão Africana dos Direitos Humanos e pede justiça", *in O País*, disponível em: <https://opais.co.mz/eleicoes-gerais-wilker-dias-interrompe-sessao-da-comissao-africana-dos-direitos-humanos-e-pede-justica/>, acesso a 07.05.2025.

MANHIÇA, José (30.10.2024) "Partidos da oposição marcham pela 'verdade eleitoral' " *in: O País*, disponível em: <https://opais.co.mz/partidos-da-oposicao-marcham-pela-verdade-eleitoral/>, acesso a 12.05.2025.

MZNEWS (31.01.2025) *Óscar Monteiro: Em Moçambique a elite política olha para o próprio umbigo esquece o povo*, disponível em: <https://mznews.co.mz/oscar-monteiro-em-mocambique-a-elite-politica-olha-para-o-proprio-umbigo-esquece-o-povo/>, acesso a 22.05.2025.

NGANI (24.10.2024) *Manuel de Araújo convoca manifestação em repúdio aos resultados Eleitorais*, disponível em: <https://ngani.co.mz/eleicoes-gerais-2024/24/10/2024/manuel-de-araujo-convoca-manifestacao-em-repudio-aos-resultados-eleitorais/>, acesso a 12.05.2025.

REDACÇÃO (29.10.2024) "Populares invadem e vandalizam mineradora em Nampula", *in O País*, disponível em: <https://opais.co.mz/populares-invadem-e-vandalizam-mineradora-em-nampula/>, acesso a 24.04.2025.

REDACÇÃO (20.11.2024) "Montepuez Ruby Mining reporta mais uma invasão da sua mina" *In Carta de Moçambique* , disponível em: <https://cartamz.com/economia-e-negocios/704/montepuez-ruby-mining-reporta-mais-uma-invasao-da-sua-mina/>, acesso a 12.05.2025.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

E-mail: office@omrmz.org

Endereço: Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.
Maputo – Moçambique